

Comportamento Semanal de Mercado

6 a 13 de setembro



Atenção ao teor das comunicações

Na semana, as atenções estarão voltadas para os vários encontros de política monetária na economia internacional. Enquanto o Comitê de Política Monetária (Copom) provavelmente elevará a Meta Selic, o Federal Reserve (Fed) deverá reduzir a taxa básica de juro, assim como fez o Banco Central Europeu (BCE).

Como não houve deterioração no balanço de riscos que alterasse expressivamente as projeções de inflação no cenário alternativo do Copom que fundamentaram a decisão de manutenção em julho, haveria elementos que justificariam a manutenção da Selic. Contudo, de forma conservadora e, provavelmente, com o intuito de convergir mais rapidamente a inflação à meta e de atenuar a volatilidade na curva de juros, o Copom deverá dar início a um ciclo de aumentos que levarão a taxa a 11,25% a.a. no final do ano.

No entanto, no Boletim Focus, as expectativas de inflação continuam desancoradas, com as de 2025 subindo na semana de 3,92% para 3,95% e as de 2026 de 3,60% para 3,61%. No horizonte relevante para a política monetária, a expectativa no Focus apontava uma taxa de 3,8% a.a., bem acima da projeção de 3,2% a.a. sinalizada no cenário do Copom, no qual a Selic era mantida constante em 10,50% a.a..

Visto que nos EUA, a inflação parece caminhar de uma forma sustentável em direção à meta e a atividade rumar para um pouso suave, não haveria dúvidas quanto ao início do ciclo de cortes na taxa de juros pelo Fed nesta semana. Contudo, restam incertezas quanto à trajetória dos cortes. A leitura dos investidores de que os membros da autoridade monetária não estariam 100% convencidos de um corte mais gradual aumentou as apostas de uma redução de -0,50 p.p., que saiu de uma probabilidade de 30,0% em 09/09/24 para 50,0% em 13/09/24.

Dessa forma, não menos importante do que as decisões em si, o teor das mensagens emitidas pelo Banco Central (BC) e Fed ajudará no entendimento da evolução futura da política monetária. Localmente, o Copom deverá dar transparência para a sua decisão de aumento da Selic, principalmente, explicitando as razões para que o processo de convergência da inflação para a meta seja conduzido de forma mais tempestiva. Já o Fed, por meio do *dot plot* deverá conferir com maior precisão sobre a magnitude dos cortes que estão por vir, o que deverá ajudar a reduzir a volatilidade no mercado financeiro.

Expectativas

Como esperado, em meio à estiagem prolongada e a adoção da bandeira tarifária vermelha nível 1 nas contas de energia elétrica, as estimativas de inflação pelo IPCA em setembro, no Boletim Focus, elevaram-se de 0,36% em 06/09 para 0,50%. As expectativas de outubro passaram de 0,30% para 0,31%, enquanto as de novembro permaneceram em 0,22%. Assim, mesmo com o quadro favorável do IPCA de agosto, a mediana das projeções para 2024 ampliou-se de 4,30% para 4,35% (4,22% há 4 semanas), aproximando-se do teto da meta inflacionária.

As projeções para 2025 subiram de 3,92% para 3,95% (3,91% a.a. há 4 semanas), ao passo que as de 2026 aumentaram de 3,60% para 3,61% (3,60% há 4 semanas). Dentro do horizonte relevante para a política monetária de 18 meses à frente (média anualizada em fevereiro de 2026), a expectativa no Focus apontava uma taxa de 3,8% a.a., bem acima da projeção de 3,2% a.a. sinalizada no cenário alternativo do Copom, no qual a Selic é mantida constante em 10,50% a.a..

Aproximando-se um pouco mais da pesquisa Focus, a Secretaria de Políticas Econômicas (SPE) elevou de 3,90% a.a. para 4,25% a.a. as estimativas para o IPCA para 2024, mais próximo do teto da meta. Para 2025, a projeção foi de 3,30% para 3,40%. Segundo a SPE, até o fim do ano, deverá haver recuo na inflação de preços monitorados pelo governo, como tarifas de serviços públicos, contrabalanceado parcialmente pelo avanço na inflação dos itens com preços livres.

Na semana, houve uma significativa elevação nos prêmios de risco nas negociações de NTN-Bs. Dessa forma, a curva da inflação implícita indicava uma alta de 0,37 p.p. para 5,16% para o prazo de 1 ano. Já a taxa de 2 anos aumentou 0,17 p.p. para 5,06% e a de 3 anos em 0,06 p.p. para 5,09%.

Ainda ajustando-se à surpresa positiva do 2T24 e a performance mais recente dos indicadores de atividade de alta frequência, as projeções para o crescimento do PIB em 2024 ampliaram-se na semana de 2,68% para 2,96% (2,23% há 4 semanas). Contudo, com o sentimento de que os fatores que impulsionaram a economia foram temporários e com as perspectivas de elevação dos juros, a estimativa para 2025 mostra desaceleração, ficando estável em 1,90% (1,89% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, as expectativas acomodaram-se em 2,00%. Com maior otimismo, a SPE elevou as suas projeções para 2024 de 2,5% para 3,2% e reduziu as de 2025 de 2,6% para 2,5%.

Ajustando-se à volatilidade no mercado de câmbio, houve elevação na mediana das projeções para a cotação do dólar. Para o término de 2024, a taxa saltou de R\$/US\$ 5,35 para R\$/US\$ 5,40 (R\$/US\$ 5,31 há 4 semanas). Já para 2025, passou de R\$/US\$ 5,30 para R\$/US\$ 5,35 (R\$/US\$ 5,30 há 4 semanas). Para 2026 e 2027, as cotações continuaram em R\$/US\$ 5,30 (R\$/US\$ 5,25 há 4 semanas).

As projeções fiscais pouco se alteraram. Em relação ao PIB, o déficit primário para 2024 ficou em -0,60% (-0,64% há 4 semanas). Para 2025, continuou em -0,75% do PIB (-0,70% há 4 semanas), enquanto para 2026 elevou-se de -0,65% do PIB para -0,69% (-0,50% há 4 semanas). Por fim, a estimativa para 2027 oscilou de -0,50% do PIB para -0,45% (-0,30% há 4 semanas).

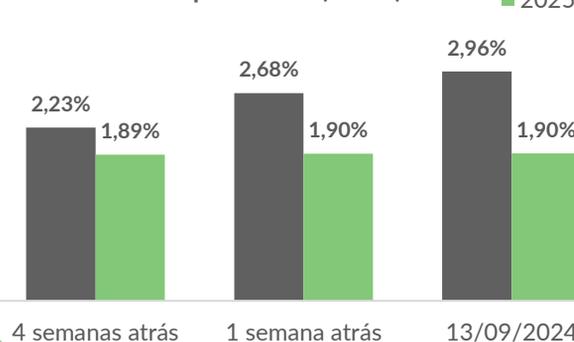
IPCA

Mediana das expectativas (% a.a.)

	IPCA (%)		
	Mediana - agregado		
	13/09/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
set/24	0,50	0,36	0,23
out/24	0,31	0,30	0,30
nov/24	0,22	0,22	0,22
2024	4,35	4,30	4,22
2025	3,95	3,92	3,91
2026	3,61	3,60	3,60

PIB

Mediana das expectativas (% a.a.)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

Economia Internacional

Como aguardado, o índice de preços ao consumidor (CPI) nos EUA subiu 0,2% em agosto, repetindo a variação observada em jul/24. Assim, a taxa anualizada desacelerou de 2,9% a.a. em jul/24 para 2,5% a.a., atingindo o menor patamar desde fev/21. Excluindo-se as variações de preços de alimentos e energia, o aumento do índice mensal passou de 0,2% em jul/24 para 0,3%. O crescimento da medida de núcleo manteve-se na margem em 3,2% a.a.. Os dados reforçam o cenário de uma trajetória gradual na convergência da inflação à meta de 2,0%, chancelando as apostas de que o Fed inicie o ciclo de afrouxamento monetário nesta semana.

Após exibir estabilidade em jul/24, o índice de preços ao produtor (PPI) aumentou 0,2% em agosto, superando as expectativas dos analistas (+0,1% pela LSEG). Em termos anualizados, a taxa desacelerou de 2,1% a.a. em jul/24 para 1,7% a.a.. Já a medida de núcleo aumentou 0,3% em agosto, a mesma variação ocorrida em jul/24. Como consequência, a taxa anualizada acelerou de 3,2% a.a. em jul/24 para 3,3% a.a..

O índice de confiança do consumidor da Universidade de Michigan subiu de 67,9 pts. em ago/24 para 69,0 pts. na preliminar de setembro. A perspectiva de inflação para 12 meses caiu de 2,8% para 2,7%, enquanto a esperada para 5 anos avançou de 3,0% para 3,1%. Ainda, o crédito ao consumidor teve crescimento de US\$ 25,5 bilhões em julho, bem acima do previsto (+US\$ 10,3 bilhões pela FactSet).

Sinalizando um pouso suave da atividade, os estoques no atacado cresceram 0,2% na margem em julho, variação inferior a esperada pelos analistas (+0,3% pela FactSet). Ademais, o número de jun/24 foi revisado para baixo, de uma alta de 0,2% para estabilidade. No mercado de trabalho, os pedidos semanais por seguro-desemprego subiram em 2 mil para 230 mil na semana finda em 7 de setembro, acima dos 225 mil esperados. A média móvel de 4 semanas foi de 230,75 mil, um crescimento de 500 em relação à média revisada da semana anterior.

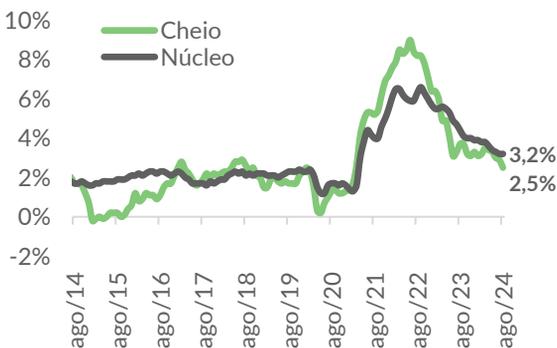
Em decisão unânime e com a promessa de que as taxas básicas de juros permanecerão restritivas pelo tempo que for necessário, o BCE deu prosseguimento ao ciclo de flexibilização monetária, iniciado em junho. A taxa para depósito foi reduzida em -0,25 p.p. para 3,5% a.a., para refinanciamento passou de 4,25% a.a. para 3,65% a.a. e a para empréstimos de 4,5% a.a. para 3,9% a.a.. A decisão refletiu o progresso adicional na desinflação, ainda que haja persistência nas medidas de núcleos em níveis mais elevados. Ao mesmo tempo, o crescimento da Zona do Euro emite sinais de debilidade. Após manter-se estagnada em jun/24, a produção industrial caiu -0,3% em julho (-0,4% pela FactSet). Paralelamente, o BCE reduziu a projeção de expansão do PIB em 2024 de 0,9% para 0,8% e para 2025 de 1,4% para 1,3%.

Na China, houve uma recuperação dos preços ao consumidor mais branda do que a esperada, refletindo a deflação dos alimentos, que são mais suscetíveis às condições climáticas instáveis, e não aliviando as preocupações com uma deflação entre os produtores. Atingindo o ritmo mais rápido em 6 meses, a inflação pelo CPI acelerou-se de 0,5% a.a. em jul/24 para 0,6% a.a. (+0,7% a.a. pela Reuters). Abaixo do 0,4% registrado em jul/24, o avanço da medida de núcleo ficou em 0,3% a.a. em agosto, o que significou a menor variação em 3 ½ anos

De forma preocupante para a atividade, a deflação pelo índice de preços do produtor (PPI) ampliou-se de -0,8% a.a. em jul/24 para -1,8% a.a. (-1,4% a.a. pela Reuters).

Surpreendendo positivamente a projeção de saldo de US\$ 80,00 bilhões, o superávit comercial da China ficou em US\$ 91,02 bilhões em agosto, após saldo de US\$ 84,65 bilhões em jul/24. O número decorre de uma alta mais expressiva de 8,7% a.a. nas exportações e de um aumento mais modesto de 0,5% a.a. nas importações. Em termos prospectivos, apesar do resultado positivo em agosto, fatores como tarifas comerciais e fraco desempenho em pedidos de exportação podem impactar o ritmo das vendas externas da China nos próximos meses.

EUA - Inflação ao Consumidor (CPI) Variação Anual



Fonte: US Bureau Of Labor Statistics. Elaboração ABBC

Aversão ao Risco

Embora a iminência do início do ciclo de cortes na taxa dos *Fed Funds* e a nova redução na taxa básica de juros pelo BCE favoreçam a demanda por ativos de risco, o movimento foi amplificado pela leitura dos investidores de que os dirigentes do Fed não estariam 100% convencidos de um corte mais gradual, aumentando as apostas de uma redução de -0,50 p.p. em setembro.

Assim, no *FedWatch* do CME Group, a probabilidade de um corte de -0,50 p.p. saiu de 30,0% em 09/09/24 para 50,0% em 13/09/24. Já para o final do ano, a ferramenta indicava 41,3% de chance de que a taxa básica de juros encerre 2024 entre 4,00% a.a. e 4,25% a.a. (-1,25 p.p.) e de 33,2% entre 4,25% e 4,50% a.a. (-1,0 p.p.).

Como desdobramento, os retornos das *T-Notes* exibiram quedas na semana com reduções de -0,09 p.p. para 3,57% a.a. no prazo de 2 anos, de -0,07 p.p. para 3,43% a.a. no de 5, de -0,06 p.p para 3,66% a.a. no de 10 e de -0,05 p.p. para 3,98% a.a. no de 30 anos.

O início da flexibilização monetária e o provável pouso suave da economia dos EUA propiciaram um aumento no apetite de risco do mercado, levando a uma alta nas cotações das principais bolsas internacionais, que fecharam a semana com elevações de: 5,95% na Nasdaq; de 4,02% no S&P 500; de 2,60% no Dow Jones; de 2,17% no DAX 40; de 1,12% no FTSE 100; e de 0,52% no Nikkei 225. A exceção, mais uma vez, ficou para a queda de -2,23% em Xangai, refletindo o pessimismo com a evolução da atividade econômica na China.

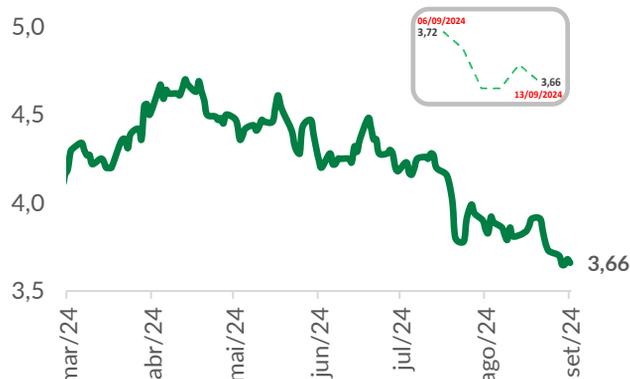
Apesar da melhora na aversão ao risco, o preço da saca de soja em Chicago recuou -0,25%. Por sua vez, o minério de ferro negociado em Qingdao subiu 2,12%. Em US\$ 71,61, a cotação do barril de petróleo tipo Brent apresentou uma alta de 0,77%, apoiado pela depreciação do dólar e pelas paralisações no Golfo do México com a passagem do furacão Francine.

No ambiente doméstico, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, caiu -4,55 bps. na semana para 152,39 bps.. Com uma ligeira alta de 0,23%, o Ibovespa fechou o período mantendo os 134 mil pts., favorecido pelas ações de empresas exportadoras.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	13/09/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	134.882	0,23%	1,88%	12,97%
Nasdaq	17.684	5,95%	2,89%	26,98%
S&P	5.626	4,02%	3,53%	24,88%
Dow Jones	41.394	2,60%	4,09%	18,58%
FTSE 100	8.273	1,12%	0,46%	7,82%
DAX 40	18.699	2,17%	4,98%	18,31%
Nikkei 225	36.582	0,52%	0,96%	10,29%
Xangai	2.704	-2,23%	-5,71%	-13,51%

T-Note de 10 anos Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

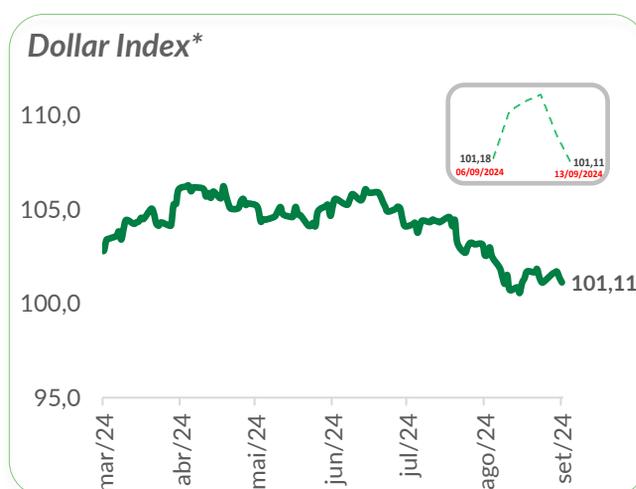
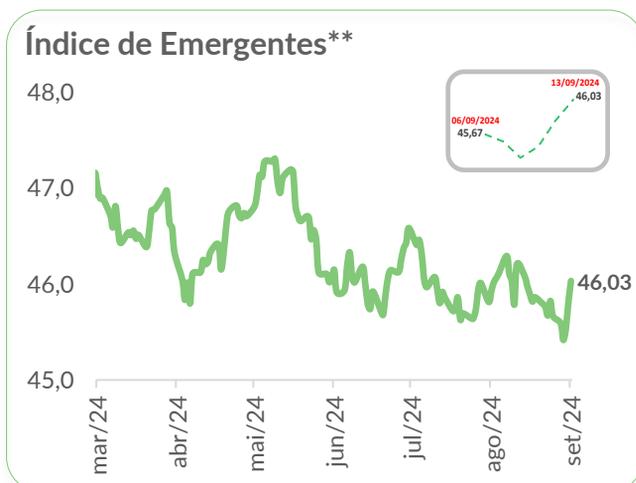
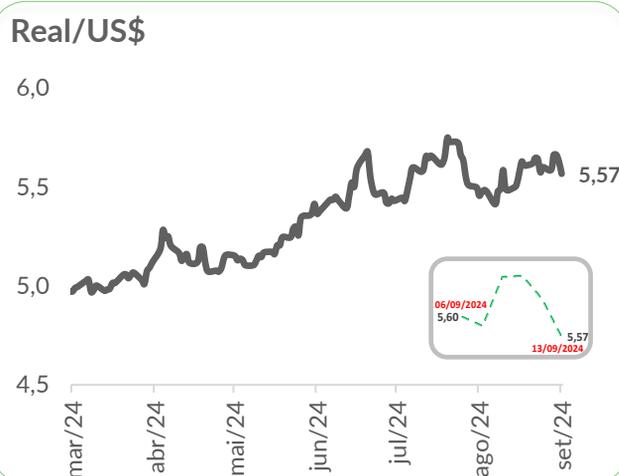
Câmbio

Na semana, mesmo com o aumento das apostas em um corte na taxa de juros mais agressivo pelo Fed, o dólar perdeu força no mercado de câmbio internacional. O *Dollar Index*, que mede a variação à divisa dos EUA em relação a uma cesta de moedas de 6 países desenvolvidos recuou apenas -0,06%, refletindo a apreciação de 1,02% no iene e as depreciações de 0,08% no euro e de 0,04% na libra esterlina.

Já em linha com o maior apetite de risco, o índice que mede o desempenho de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar subiu 0,80% na semana, com destaques para as apreciações de 3,87% no peso mexicano, de 0,73% no rand sul-africano e de 0,06% na rúpia indiana, além das depreciações de 0,31% no peso argentino e de 0,25% no peso colombiano.

Com um desempenho inferior à média de seus pares emergentes, o real acumulou uma apreciação de 0,59% na semana, fechando com o dólar cotado a R\$ 5,57, após alcançar R\$ 5,66 na terça (10/09/24). Durante a semana, o Banco Central continuou com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/11/24.

Por fim, o fluxo cambial ficou negativo em US\$ 1,01 bilhão na semana entre os dias 02 e 06 de setembro, decorrente da saída de US\$ -559,0 milhões (US\$ 9,87 bilhões em compras e US\$ 10,43 bilhões em vendas) na conta financeira e de uma saída de US\$ -451,0 milhões na comercial (US\$ 4,46 bilhões em importações e US\$ 4,01 bilhões em exportações).



*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

**Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rúpia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/JP Morgan/BCB. Elaboração ABBC

Taxa de Juros

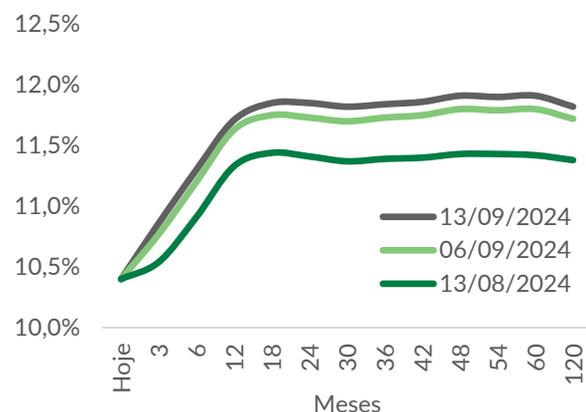
Na contramão do exterior, mas refletindo a expectativa do início do aperto monetário a partir da reunião do Copom desta semana, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) encerrou a semana com elevações nas taxas de todos os vértices. Na sexta-feira (13/09/24), o mercado de opções da decisão do Copom apontava 76,5% de chance de um aumento de 0,25 p.p. na taxa Selic, na reunião de setembro (73,0% em 06/09), contra 15,0% de chance de uma elevação de 0,50 p.p. (11,0% em 06/09) e 8,0% de manutenção (16,0% em 06/09).

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses subiu de 11,20% a.a. para 11,30% a.a., a de 1 ano de 11,63% a.a. para 11,71% a.a., a de 2 anos saiu de 11,73% a.a. para 11,85% a.a., a de 3 de 11,73% a.a. para 11,84% a.a., a de 4 e 5 anos de 11,80% a.a. para 11,91% a.a. e a de 10 anos aumentou de 11,72% a.a. para 11,82%.

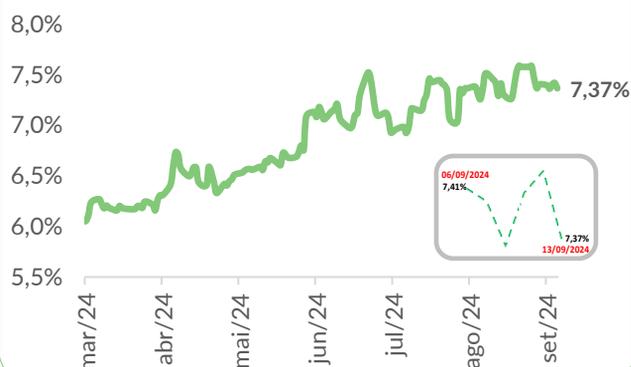
Com a elevação na taxa de juros do *swap* DI prefixado de 360 dias durante a semana e a alta de 0,11 p.p. para 4,05% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* ficou em 7,37% a.a., o que representou uma queda de -0,04 p.p. no período. Contudo, a taxa mantém-se ainda em patamar fortemente restritivo, quando comparada com a taxa neutra de 4,75% a.a. estimada pelo BC.

Por fim, a medida de inclinação calculada pelo *spread* entre as taxas de juros prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,02 p.p. na semana para 0,11 p.p.. Com alta de mesma magnitude, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação da títulos públicos na Anbima, fechou em 0,28 p.p..

Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

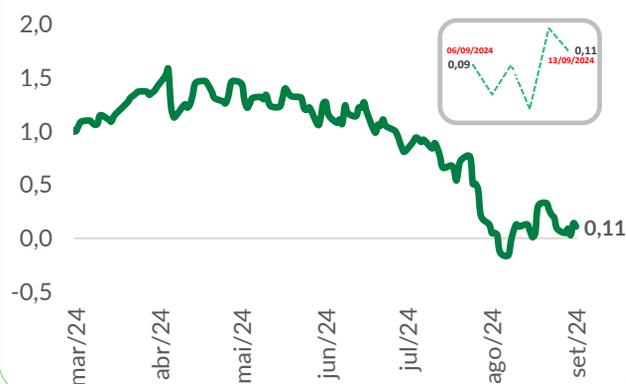


Taxa Real de Juros ex-ante (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros

Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos - em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA – Ago/24

Após um aumento de 0,38% em jul/24 e beneficiado pela redução dos preços administrados e de alimentos, o IPCA de agosto registrou uma deflação de -0,02% (+0,02 pelo Boletim Focus). Com isso, a taxa anualizada desacelerou de 4,50% a.a. em jul/24 para 4,24% a.a. (4,61% a.a. em ago/23).

Com deflação em somente 2 dos 9 grupos de produtos e serviços pesquisados, a avaliação é de que o alívio em agosto foi pontual, de modo que é provável uma reversão desse movimento em setembro, com a estiagem prolongada e a adoção da bandeira tarifária vermelha nível 1 nas contas de energia elétrica.

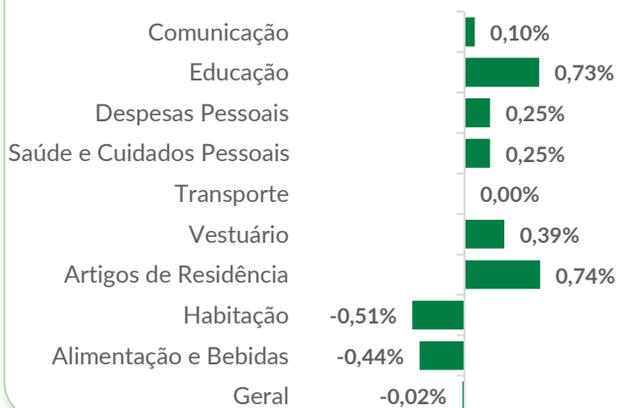
No mês, com a mudança de bandeira tarifária de amarela para verde, os preços de energia residencial cederam -2,77%, o que ajudou na desaceleração de 0,77% em jul/24 para -0,51% no grupo Habitação (-0,08 p.p. no mês). Os custos com Alimentação e Bebidas saíram de uma baixa de -1,00% em jul/24 para uma de -0,44% (-0,09 p.p.), influenciados, principalmente, pelo recuo de -0,73% na alimentação no domicílio com a melhora na oferta devido às condições climáticas. Já a alimentação fora do domicílio saiu de um aumento de 0,39% em jul/24 para 0,33%.

Após subir 1,82% em jul/24, o grupo Transportes ficou estável em agosto (0,0 p.p.), graças à queda de -4,93% das passagens aéreas. Ademais, houve altas em Artigos de residência (0,48% para 0,74%), Vestuário (-0,02% para 0,39%), Saúde e Cuidados pessoais (0,22% para 0,25%), Educação (0,08% para 0,73%), Comunicação (0,18% para 0,10%) e Despesas pessoais (0,22% para 0,25%).

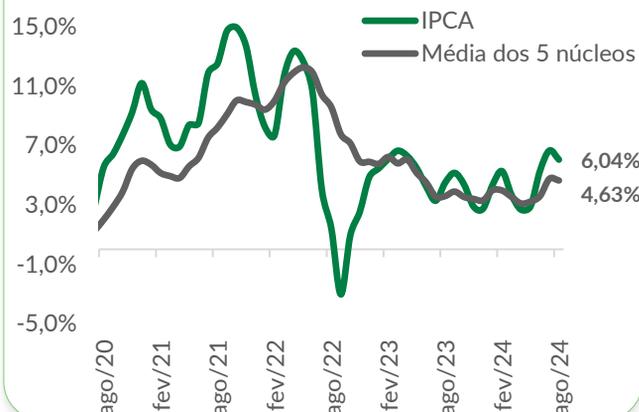
Em termos qualitativos, os números mostraram alguma descompressão nas medidas de núcleos e nas aberturas ligadas ao setor de serviços. De acordo com MCM Consultores, a média móvel trimestral (MM3M) do IPCA, anualizada e dessazonalizada, saiu de 6,65% a.a. em jul/24 para 6,04% a.a.. Por sua vez, a média dos 5 núcleos monitorados pelo BC desacelerou de 4,75% a.a. em jul/24 para 4,63% a.a..

Dentre as medidas subjacentes, na mesma métrica, a de serviços, objeto constante de preocupação da autoridade monetária, cedeu de 6,15% a.a. em jul/24 para 5,58% a.a.. Por conta do câmbio mais depreciado, os bens industriais partiram de 2,36% a.a. em jul/24 para 2,47% a.a.. Já a alimentação no domicílio subiu de 5,58% a.a. em jul/24 para 5,97% a.a..

Variação Mensal Abertura por grupos



Variação Anual MM3M



Fonte: IBGE Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal de Serviços – Jul/24

Após a revisão de uma alta de 1,67% para 1,71% em jun/24, o volume de serviços apresentou uma elevação de 1,15% em jul/24, considerando-se a série livre de influências sazonais, resultado bem acima do esperado (-0,01% pelo LSEG). Configurando-se como um importante vetor para o crescimento em 2024, a retomada da atividade no segmento alinha-se à recuperação do mercado de trabalho.

Assim, a variação acumulada em 12 meses avançava de 0,84% a.a. em jun/24 para 0,90% a.a. (6,03% a.a. em jul/23), encontrando-se 15,37% acima do patamar verificado no pré-pandemia (fev/20). O número de julho deixou um carregamento estatístico de 2,13% para o 3T24 e de 2,47% para o ano de 2024.

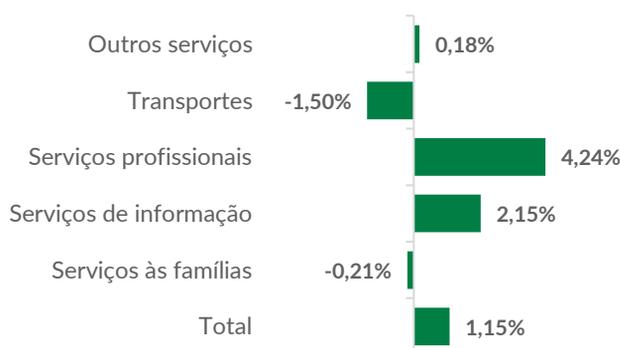
O resultado mensal foi acompanhado por 3 das 5 atividades observadas, com destaque, para os avanços de: 4,24% na rubrica profissionais, administrativos e complementares; 2,15% em serviços de informação e comunicação; e 0,18% em outros serviços. Por outro lado, houve quedas mensais de: -1,50% em serviços de transportes; e de -0,21% nos serviços prestados às famílias.

Analisando-se a variação anual do volume de serviços acumulado em 12 meses dos grupos: serviços de informação e comunicação saiu de 3,50% a.a. em jun/24 para 3,94% a.a. em julho (4,74% a.a. em jul/23); serviços prestados às famílias de 4,28% a.a. para 3,93% a.a. (9,01% a.a. em jul/23); transportes de -2,16% a.a. para -2,50% a.a. (8,01% a.a. em jul/23); e outros serviços de -0,65% a.a. para -0,49% a.a. (1,45% a.a. em jul/23).

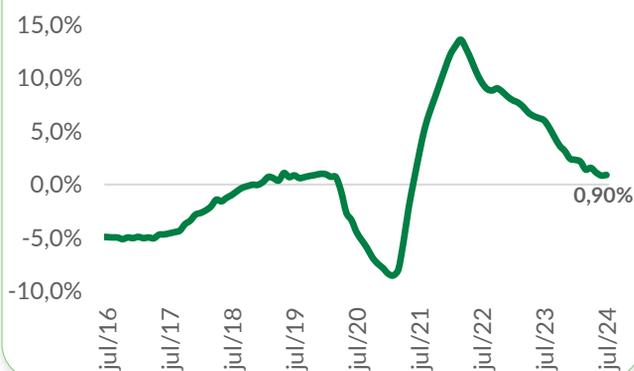
Variação Mensal Com ajuste sazonal



Variação Mensal Por segmento – série com ajuste sazonal



Evolução Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio – Jul/24

As vendas no varejo restrito apontaram uma alta de 0,56% em jul/24, na série livre de influências sazonais (+0,50% pelo Valor Data). Adicionalmente, o resultado de jun/24 foi revisado de -0,97% a.m. para -0,89% a.m.. Desta forma, o indicador situou-se 8,92% acima de fev/20.

O crescimento mensal do varejo restrito foi acompanhado pela maioria dos seus grupos de atividades, com 5 dos 8 apresentando avanço: equipamentos e material para escritório, informática e comunicação de 1,55% em jun/24 para 2,22% em julho; outros artigos de uso pessoal e domésticos de -1,80% para 2,08%; tecidos, vestuário e calçados de -0,90% para 1,81%; hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo de -2,21% para 1,68%; móveis e eletrodomésticos de 2,81% para 1,37%; livros, jornais, revistas e papelaria de -0,32% para 0,10%; artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria passou de 2,20% para -1,50%; e combustíveis e lubrificantes de 0,63% para -1,15%.

No que se refere ao comércio varejista ampliado, que inclui veículos e motos e material de construção, na série dessazonalizada, o volume de vendas variou 0,11%, após a revisão de alta de 0,37% para 0,32% em jun/24. Entre seus componentes, na mesma base comparativa, veículos, motos, partes e peças avançaram 3,77%, ante 4,62% em jun/24 e material de construção recuou -0,17%, ante uma elevação de 5,14% em jun/24.

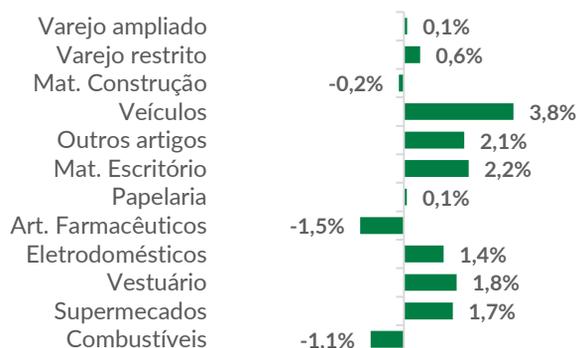
Com o desempenho de julho, o carregamento estatístico era de 0,27% para o 3T24 e de 4,40% para 2024 no comércio varejista restrito e de 0,58% para o 3T24 e de 3,93% para 2024 no ampliado.

Por fim, considerando-se a variação acumulada em 12 meses, no varejo restrito apontou uma aceleração no ritmo de crescimento, saindo de 3,58% a.a. em jun/24 para 3,74% a.a. (1,64% a.a. em jul/23), enquanto no ampliado o indicador avançou de 3,35% a.a. em jun/24 para 3,76% a.a. (1,03% a.a. em jul/23).

Varição Mensal Com ajuste sazonal



Varição Mensal Por segmento – série com ajuste sazonal



Evolução Anual Acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IBC-Br - Jul/24

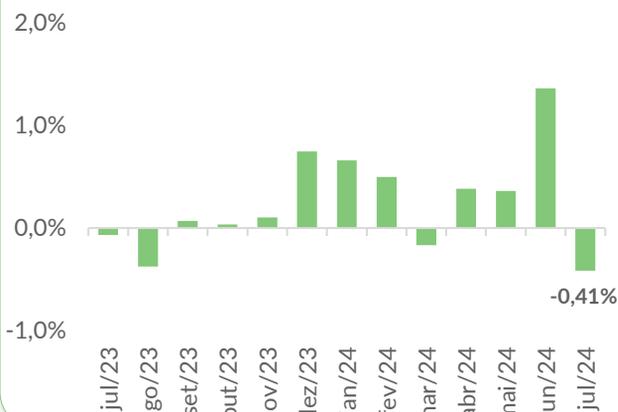
Com queda inferior à esperada, o IBC-Br do Banco Central (BC) recuou -0,41% em julho (-0,50 na Projeções Broadcast), na série livre de influências sazonais. O resultado negativo em julho refletiu o recuo de -1,44% na produção industrial, uma vez que as vendas no varejo e o setor de serviços tiveram altas de 0,56% e 1,15%, respectivamente.

Mesmo com a retração na margem, o indicador apresentou um acréscimo de 1,33% no trimestre encerrado em julho, superando a alta de 1,14% observada no trimestre findo em jun/24. Mesmo com a retração, o indicador antecedente do PIB deixou um carregamento estatístico de 0,60% para o 3T24.

No acumulado em 12 meses, a taxa de expansão do IBC-Br acelerou-se de 1,66% a.a. em jun/24 para 2,03% a.a. (3,16% a.a. em jul/23). O carregamento estatístico de 2,67% fortalece as expectativas de que o PIB possa avançar 3,0% em 2024.

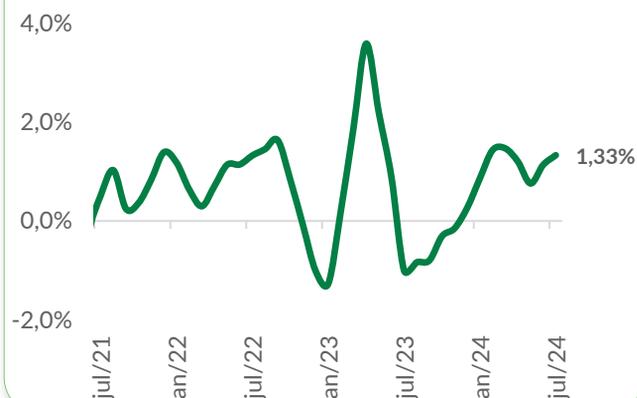
Variação Mensal

Série com ajuste sazonal



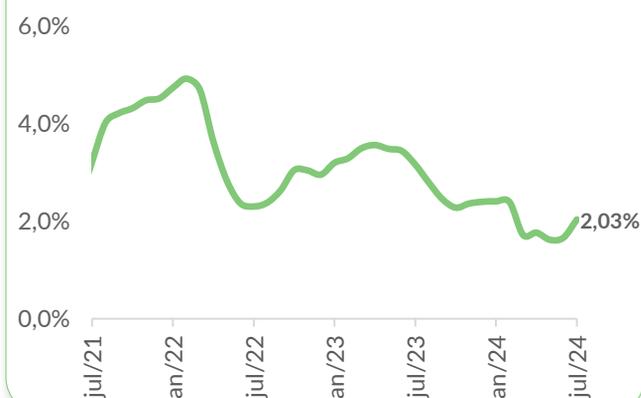
Variação Trimestral

Com ajuste sazonal



Variação Anual

Acumulado em 12 meses



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

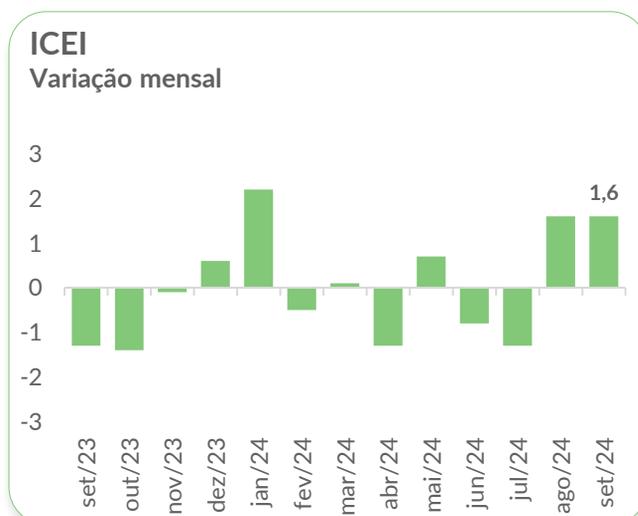
ICEI- Set/24

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) da CNI avançou 1,6 pt. em setembro para 53,3 pts., repetindo a alta de ago/24, adentrando ainda mais em território que indica otimismo.

Considerando-se a variação interanual, o ICEI subiu 1,4 pt. quando comparado com os 51,9 pts. em set/23. Esse resultado que aponta para uma recuperação da confiança na indústria, não só no nível e mais também de forma mais disseminada, foi influenciado principalmente pela melhora no sentimento quanto à Condições Atuais, com referência à economia.

Os componentes das condições atuais e das expectativas apresentaram altas mensais, de respectivamente 1,8 pt. e 1,5 pt.. No das condições atuais, a situação da economia destacou-se com uma alta de 3,8 pts. para 44,4 pts.. Já o das condições das empresas apresentaram um avanço menor, de 0,9 pt. para 51,3 pts..

Nas expectativas para os próximos 6 meses, observou-se em relação à economia uma alta de 2,9 pts., para 49,1 pts.. Para as empresas, houve acréscimo de 0,7 pt. no mês, para 58,5 pts..



Fonte: CNI. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,9
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,3
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	11,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,30
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,3
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688